



*Da Arte Rupestre ao Ar Livre  
ao mundo Contemporâneo*

**SANTUÁRIOS DE ARTE RUPESTRE AO AR LIVRE  
NO ALENTEJO:  
O CASO DO PENEDO DO FERRO (MONFORTE,  
PORTUGAL)**

**OPEN-AIR ROCK SANCTUARY IN ALENTEJO:  
THE CASE OF PENEDO DO FERRO (MONFORTE,  
PORTUGAL)**

Recebido a 028 março de 2022

Revisto a 29 de março de 2022

Aceite a 05 de abril de 2022

**Leonor Rocha**

Universidade de Évora

Departamento de História

Largo dos Colegiais 2,

7004-516 Évora (Portugal)

Investigadora CEAACP/ FCT/ UALG – (UID/ ARQ/ 0281/ 2020)

[lrocha@uevora.pt](mailto:lrocha@uevora.pt)

**Paula Morgado**

Arqueóloga

Câmara Municipal de Monforte

Praça da República 4,

7450-137 Monforte (Portugal)

Investigadora CHAIA/ UÉ [2022] – (UID/ EAT/ 00112/ 2020- FCT).

[Paula.Morgado@cm-monforte.pt](mailto:Paula.Morgado@cm-monforte.pt)

### Resumo

O Penedo do Ferro era já conhecido na bibliografia arqueológica portuguesa, devido à existência de uma importante ocupação da Idade do Ferro e do período Romano. Trabalhos recentes, realizados pelas signatárias no âmbito da Carta Arqueológica municipal, permitiram perceber que a ocupação deste lugar era muito mais complexa, com existência de povoamento que remonta ao período neolítico, mas, também, com a presença de um conjunto muito interessante de arte rupestre ao ar livre, localizada em pequenos abrigos abertos ou rochas isoladas. Neste trabalho referimos os trabalhos que foram realizados e alguns dos problemas identificados.

*Palavras Chave:* Arte Rupestre, Santuários; Covinhas, Monforte, Portugal

### Abstract

Penedo do Ferro was already known in Portuguese archaeological bibliography due to the existence of an important occupation from the Iron Age and Roman period. Recent work, carried out by the signatories within the framework of the municipal Archaeological Charter, has made it possible to see that the occupation of this place was much more complex, with the existence of a Neolithic settlement, but also with the presence of a very interesting set of open-air rock art, located in small open shelters or isolated rocks. In this paper we refer to the work that has been carried out and some of the problems identified.

*Keyword:* Rock Art, Sanctuary, Cup-Marks, Monforte, Portugal

## 1. Arte Rupestre no Sul de Portugal: o Estado da Questão

A mais antiga referência identificada de um sítio com arte rupestre, remonta ao séc. XVIII e refere-se a uma gravura existente num penhasco no sítio do Cachão da Valeira, junto ao rio Douro, conhecido localmente como «As Letras» e que o padre António Costa descreve "*Junto ao Douro neste sitio áspero, aonde chamão as Letras, esta huma grande lage com certas pinturas de negro, e vermelho escuro quasi em forma de xadrés, em dous quadros com certos riscos, e sinaes mal formados, que de tempo immemorial se conservão neste penhasco, e como não são caracteres formados, os não trazemos estampados: os naturais dizem, que estas pinturas se envelhecem humas, e se renovão outras, e que guarda esta pedra algum encatamento*" (Costa, 1706, p. 346). Infelizmente o sítio terá sido destruído no séc. XIX pela construção da linha de comboio do Douro (Contador de Argote, 1734, Correia, 1916).

A sul do Tejo, mais especificamente na região Alentejo, a informação é mais tardia com os primeiros estudos, documentados, a surgirem apenas no início do séc. XX, com a identificação de arte pintada na Esperança, Breuil, 1917 e de arte gravada ao ar livre em Mora e Arraiolos (Breuil 1917, Correia 1916b, 1921). Apesar de se tratarem de tipos de arte distintos e realizados sobre diferentes suportes, estas novas descobertas foram desde logo consideradas extraordinárias, tendo Vergílio Correia, em 1916, salientado que um novo campo de estudo se abria aos investigadores da pré-história, em Portugal (Correia 1916, p. 158). Efetivamente, não obstante os trabalhos de Breuil e de Correia terem aportado desde logo uma dimensão internacional a estes achados e de, efetivamente, ter sido a partir desta altura que se iniciam trabalhos mais específicos direcionados para a identificação e estudo de arte rupestre (pintada e gravada) no Alentejo, não tiveram a dimensão que V. Correia perspectivava. Infelizmente, este tema volta a ficar esquecido na investigação portuguesa, até aos inícios da década de setenta, altura em que, na sequência da construção da barragem do Fratel, se torna a identificar um novo e significativo conjunto de arte rupestre ao ar livre (Baptista, 2009, Baptista et al., 1978, Henriques et al., 1980).

Posteriormente, no exterior da gruta do Escoural (Montemor-o-Novo) onde se encontra implantado um povoado calcolítico, é também identificado um “santuário” com painéis horizontais gravados com diferentes tipos de motivos (Gomes et al., 1993). É também nesta altura que começam a surgir diversos estudos mais sistemáticos de

identificação e estudo de outros tipos de arte rupestre, nomeadamente a de ar livre associada aos grandes rios (Tejo e Guadiana), a monumentos megalíticos ou em rochas isoladas, dispersas na paisagem (Baptista & Martins 1979, Gomes 1989, Calado 1997, Calado e Bairinhas 1994).

Já nos inícios do séc. XXI identifica-se o conjunto da arte rupestre do Guadiana, na área do Regolfo da Barragem do Alqueva, e outros conjuntos de rochas gravadas, como o Penedo Ferro, que parecem constituir-se como santuários naturais de ar livre, uns associados a povoados, outros em paisagens com elevado valor simbólico, como os vales dos rios, afloramentos monumentais, entre outros. O estudo e avaliação (ou reavaliação) deste conjunto de arte rupestre do Alentejo tem vindo a ser estudado através de projetos de investigação mais ou menos específicos de que resultaram a publicação de inúmeros artigos e teses (mestrado e doutoramento). (Alvim, 2009, Alves, 2003, Baptista, 2009, Baptista & Santos, 2013, Bueno-Ramírez et al., 2015, Calado, 2004, Calado & Rocha, 2010, Cerrillo Cuenca et al., 2019, Ferraz, 2016, Martins, 2014, Oliveira, 2010, Oliveira & Borges, 1998, Oliveira & Oliveira, 2012, Rocha, 2004, 2010, 2013, 2016).

## **2. Enquadramento Geográfico e Arqueológico**

O povoado sidérico do Penedo do Ferro localiza-se num cabeço alongado, rodeado de afloramentos em granito, com direção Este-Oeste, a 350m de altitude e boa visibilidade sobre a área envolvente. Sobressai na paisagem, não por apresentar uma cota muito elevada, mas por se localizar numa área muito aplanada e pela existência de inúmeros afloramentos graníticos (Figura 1).



Figura 1– Vista geral do povoado Proto-Histórico do Penedo do Ferro. Fonte: Autoras

O povoado instalou-se na parte superior desta elevação, apresentando ainda restos de estruturas visíveis, em alguns pontos. As muralhas aproveitaram também, em alguns locais, os afloramentos o que pode ter contribuído para o eventual encobrimento de alguma arte rupestre.

Na área envolvente foram igualmente registados alguns locais com vestígios de povoamento neolítico (Rocha & Morgado, 2019), cuja relação com o santuário é praticamente certa atendendo não só às cronologias que têm vindo a ser defendidas para este tipo de arte rupestre (Rocha 2004, 2010) mas, também, às relações entre estes dois tipos de vestígios em outros locais.

Os trabalhos de prospeção realizados pelas signatárias permitiram identificar, até ao presente, um conjunto de sete pequenos núcleos instalados em abrigos ou blocos graníticos, localizados a Este, Sul e Oeste do povoado do Penedo do Ferro (Figura 2).



Figura 2 – Pormenor dos afloramentos graníticos existentes. Fonte: Autoras.

Cerca de 350m a Este, foram identificados mais um abrigo e um monólito em granito, solto, também com arte rupestre (covichas), para além de evidências de povoamento neolítico e ainda vestígios de períodos mais recentes, nomeadamente do período romano.

### **3. O Trabalho de Campo: Metodologias de Registo**

O nosso estudo incidiu sobre um conjunto de sete painéis de arte rupestre gravada sobre afloramentos graníticos, localizados na área do povoado do Penedo do Ferro. Estas gravuras, constituídas por «covichas» (de diferentes dimensões e profundidades) e sulcos, encontram-se ou em blocos isolados, ou na base de pequenos abrigos. Pese embora a importância que este conjunto tem para o estudo da arte rupestre ao ar livre do Alentejo, no decurso desta investigação, o proprietário por incompatibilidades de carácter financeiro com a autarquia de Monforte, cancelou a autorização de acesso ao local e, de acordo com a legislação portuguesa, não existindo esta permissão, não podemos continuar com os trabalhos de investigação.

Os trabalhos de campo que pretendíamos efetuar neste conjunto, que previam a realização de diferentes tarefas, com vista à caracterização exaustiva deste santuário ficaram assim truncados, tendo sido possível apenas identificar, como se referiu anteriormente, sete painéis. Como não se pôde continuar com os trabalhos de prospeção no terreno, poderão existir ainda alguns blocos gravados que não tenham sido identificados pela equipa, na 1ª fase de trabalho de campo. Em termos gerais, os trabalhos realizados passaram por 4 etapas:

1. Identificação de rochas com gravuras. Para a realização desta tarefa tivemos que, em alguns locais, proceder a uma limpeza superficial das rochas (granitos) uma vez que a existência de musgos ou líquenes comprometia não só a correta visualização de todas as gravuras, mas, também, a obtenção de imagens com qualidade;
2. Georreferenciação (GPS) e descrição sumária de todos os Painéis;
3. Levantamento fotográfico com o intuito de se realizar a fotogrametria de cada um dos painéis, apenas em período diurno. Também esta fase teve alguns problemas, que só foram identificados já no processamento das imagens, em laboratório (algumas partes dos painéis ficaram com alguns ângulos mal caracterizados e necessitavam de realização de mais fotografias). Em termos metodológicos procurou-se seguir os procedimentos básicos de recolha de dados, como a manutenção das distâncias entre o aparelho fotográfico e as superfícies rochosas para evitar os problemas de deformação das perspetivas ou dos motivos. Não foi utilizado flash. Numa fase posterior pretendia-se ainda realizar fotografia noturna e um levantamento 3D da área, com recurso a um drone, o que até ao momento ainda não foi possível.
4. Posteriormente, passou-se à fase de tratamento das imagens obtidas, em gabinete, tendo-se identificado alguns problemas de registo, como se referiu anteriormente. As fotografias foram processadas com o programa Agisoft PhotoScan Professional com vista à obtenção tridimensional de cada um dos painéis. Esta técnica 3D permite obter excelentes resultados e uma visualização completa da superfície do painel.



## 5. Descrição dos painéis

Os trabalhos realizados até ao presente, nos 7 painéis identificados no Penedo do Ferro, permitiram perceber que todas as gravuras (maioritariamente covinhas) foram obtidas através de percussão direta, apresentando-se em número e dimensão bastante diferenciadas. Em termos de implantação, como se pode observar na Figura 3 encontram-se localizados entre a extremidade Este e o lado Sul do povoado, todos a escassos metros uns dos outros. Cada um dos painéis foi também numerado, seguindo, por um lado a sequência de registo pré-existente na base de dados nacional (Portal do Arqueólogo/ Endovélico) e, por outro, uma numeração específica para cada painel.

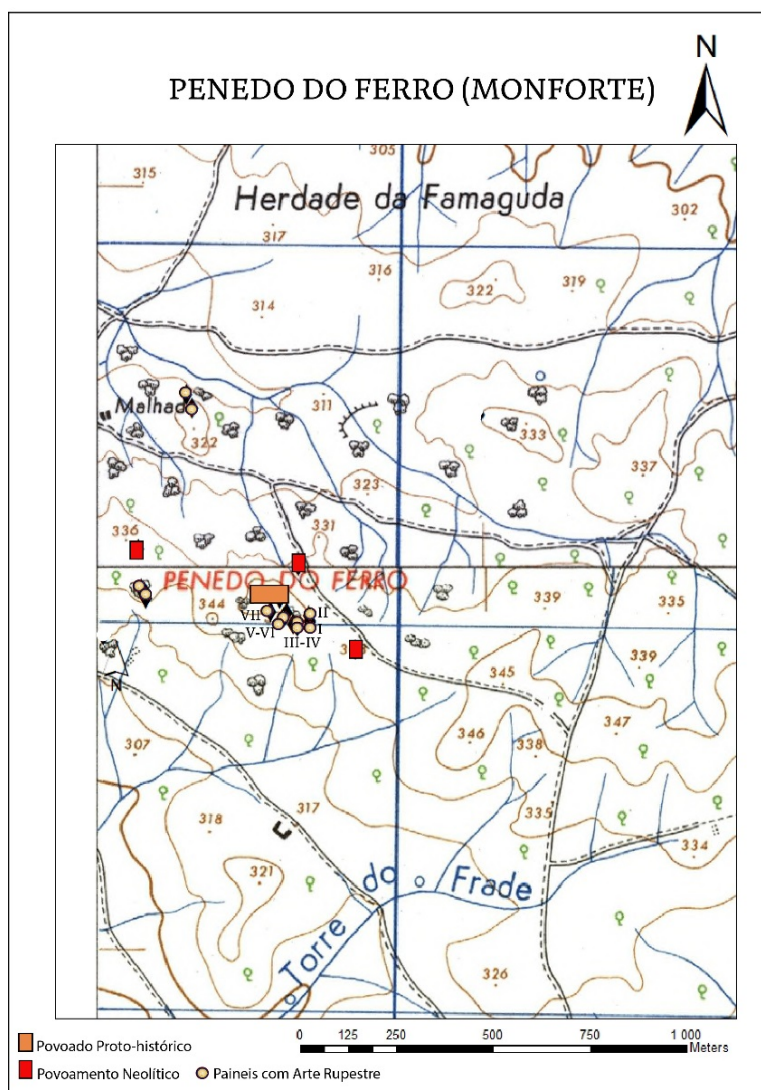


Figura 3 – (CMP 1:25000, Fls 399/413) Localização da arte gravada no Santuário do Penedo do Ferro. Fonte: Autoras.



Figura 4 – Prospecção de Campo: Identificação de Afloramentos Gravados. Fonte: Autoras.

### **Penedo do Ferro 9 – Pannel I**

Localiza-se num pequeno abrigo, aberto a Norte, localizado no limite Sul do Penedo do Ferro, com excelente visibilidade sobre o povoado Neolítico. Apresenta o maior painel deste conjunto, com dezenas de covinhas de diferentes dimensões, realizadas na base/ piso do abrigo (Figuras 4 e 5). Medidas: 2m de altura x 2,20m de largura e 2m comprimento.



Figura 5 – Pannel I – Vista Geral do Abrigo. Fonte: Autoras.



Figura 6 – Painel I – Pormenor das covinhas na base do Abrigo. Fonte: Autoras.

### **Penedo do Ferro 11 - Painel II**

Bloco solto de granito de forma ovalada, achatado na parte superior (Figura 7 e 8), que apresenta pelo menos 16 covinhas, algumas das quais interligadas (Figura 8). Encontra-se no limite Este do povoado, virado a Norte, para a plataforma onde se localiza o povoado Neolítico. Medidas: 1,30m de altura x 1,60m largura x 0,70m espessura.



Figura 7 – Painel II – Vista Geral de uma das Pedras Gravadas. Fonte: Autoras.



Figura 8 – Painel II – Fotogrametria da arte gravada processada com Agisoft PhotoScan Professional. Fonte: Autoras.

### **Penedo do Ferro 12 - Painel III**

Constituído por dois blocos soltos, em granito, que se encontram a cerca 2m de distância um do outro.

Bloco I - apresenta 15 covinhas, de diferentes dimensões na parte superior. Medidas: 0,70m largura x 1,60m comprimento.

Bloco II - apresenta 4 covinhas, de diferentes dimensões, alinhadas e um sulco, na parte superior que se apresenta inclinada (Figura 9). Medidas: 1,40m de altura máxima e 2,70 m de comprimento.



Figura 9 – Vista geral do bloco do Paineil III. Fonte: Autoras.

#### **Penedo do Ferro 13 - Paineil IV**

Afloramento granítico isolado, do lado SW do Penedo do Ferro, na base da muralha. Apresenta 4 covinhas no topo e pelo menos 7, numa face inclinada e virada a SW.

#### **Penedo do Ferro 14 - Paineil V**

Bloco granítico solto, de pequenas dimensões do lado Sul do Penedo do Ferro, na base da muralha. Apresenta 7 covinhas pouco profundas.

#### **Penedo do Ferro 15 - Paineil VI**

Afloramento granítico junto a uma azinheira, do lado SW do Penedo do Ferro, na base da muralha. Localiza-se a cerca de 5m do Paineil V, para NE. Apresenta 8 covinhas viradas a NE.

## **Penedo do Ferro 16 - Paineil VII**

Localiza-se a cerca de 20m para Oeste do Paineil VI (Figura 10). Bloco granítico que apresenta 13 covinhas na parte superior.



Figura 10 – Vista geral do bloco do Paineil VII. Fonte: Autoras.

## **6. O Estado da Questão**

Nos extensos trabalhos de investigação realizados nas últimas décadas do séc. XX e primeiras do séc. XXI em torno da arte rupestre no Alentejo, novas e importantes aporções sobre esta temática têm vindo a surgir, quer através de trabalhos de investigação diretamente vocacionados para este tipo de evidências, quer através de registos realizados em projetos com temáticas afins ou ainda identificados no âmbito de medidas de minimização de impactes sobre o património. De um modo geral o que continuamos a verificar, com a consolidação da investigação sobre esta temática é que parece existir uma clara separação entre a arte gravada e a arte pintada quer em termos de localização espacial, quer em termos de suportes e motivos. Se esta dicotomia se deve apenas a problemas relacionados com os suportes, ou seja, a matéria prima numa determinada área não ser apropriada para realizar pinturas ou gravuras, é uma questão que a investigação pode vir a esclarecer (ou não...).

Dentro da arte gravada temos também uma nítida separação em relação aos motivos representados e técnicas utilizadas sobre painéis de xistos e painéis de granito,

com uma maior variabilidade temática dentro dos xistos. Uma das explicações, mais simples, para esta diferença pode ser a facilidade e/ou dificuldade em executar gravações em alguns suportes, nomeadamente o granito que, devido à sua textura, apresenta maior dificuldade para a realização de traços finos, por exemplo.

No que diz respeito ao estudo deste tipo de vestígios, mais precisamente na sua identificação e caracterização, todos os tipos de suportes (rochas) colocam problemas. No caso em estudo, os granitos, são provavelmente os mais difíceis de reconhecer devido aos graves problemas de erosão que, nesta área, lhe estão associados, que são responsáveis pelo atenuar ou mesmo destruir algumas das gravuras existentes – exemplo claro destes problemas encontra-se nas gravuras realizadas nos monumentos megalíticos (menires), com a técnica de baixo relevo que estão agora, na maior parte dos casos, pouco perceptíveis.

Para o levantamento e estudo deste tipo de vestígios foram utilizados, durante o séc. XX em Portugal, diferentes metodologias e técnicas de levantamento que, em alguns casos, foram conjugadas de modo a obter melhor resultados; i) a técnica do bicromático que através do contraste do negro sobre o branco permitia identificar e desenhar as gravuras. Esta metodologia de trabalho acabou por ser praticamente posta de lado devido à probabilidade de as tintas poderem contribuir para a erosão das superfícies rochosas; ii) a segunda metodologia, que ainda continua a ser usada é a do decalque direto, com recurso a plástico polivinilo. Esta técnica, apresenta algumas limitações práticas, como o fato de não se conseguir utilizar em todos os locais; de conservação, uma vez que, nos casos em que existem restos de pigmentos, podem contribuir para a sua destruição; ou ainda de registo, pois em gravuras ou pinturas pouco evidentes, o plástico, apesar de fino pode não permitir a sua correta visualização; iii) realização de moldes das gravuras, com recurso a latex; iv) fotografia diurna e noturna com luz rasante que permite evidenciar melhor as gravuras.

No caso do conjunto do Penedo do Ferro, optou-se à partida por utilizarmos metodologias essencialmente baseadas na recolha de imagens (fotografias), pelo menos numa primeira fase, o que nos permitiu ensaiar alguns modelos de fotogrametria (Figuras 8 e 11).



Figura 11 – Painel II – Fotogrametria da arte gravada processada com Agisoft PhotoScan Professional. Fonte: Autoras.

Os resultados determinariam se estas poderiam ser complementadas, mais tarde, por decalques diretos, mais ou menos pontuais, uma vez que em nenhum destes painéis se colocavam problemas de eventuais danos sobre as gravuras, dado que não existem quaisquer evidências de pinturas, pelo menos nos painéis mais expostos.

Os resultados obtidos, nesta fase, permitiram identificar apenas a arte mais expressiva, ou seja, aquela que se consegue visualizar com alguma facilidade, como se pode verificar pelas imagens apresentadas. Na realidade, como referimos anteriormente, alguns dos blocos apresentavam líquenes que seria necessário limpar para melhor caracterizar os motivos existentes e, eventualmente, identificar outros que, por serem de dimensões e/ou profundidades mais reduzidas, não estão perceptíveis.

A nível das técnicas utilizadas, apenas conseguimos identificar gravuras realizadas com base na percussão direta (covichas). A vantagem de uma limpeza dos painéis seria também a de podermos identificar outras técnicas e, eventualmente, outros motivos. Por último, de realçar que não descartamos a hipótese de poder existir pinturas, sobretudo nas paredes do Painel I (abrigo) que se apresentam mais aplanadas, mas, para esta verificação teremos de utilizar outro tipo de metodologias, o que de momento nos está impedido.





Generated with [Agisoft Metashape](#)

Figura 12 – Painel II – Fotogrametria da arte gravada processada com Adobe Illustrator CS6. Fonte: Autoras.

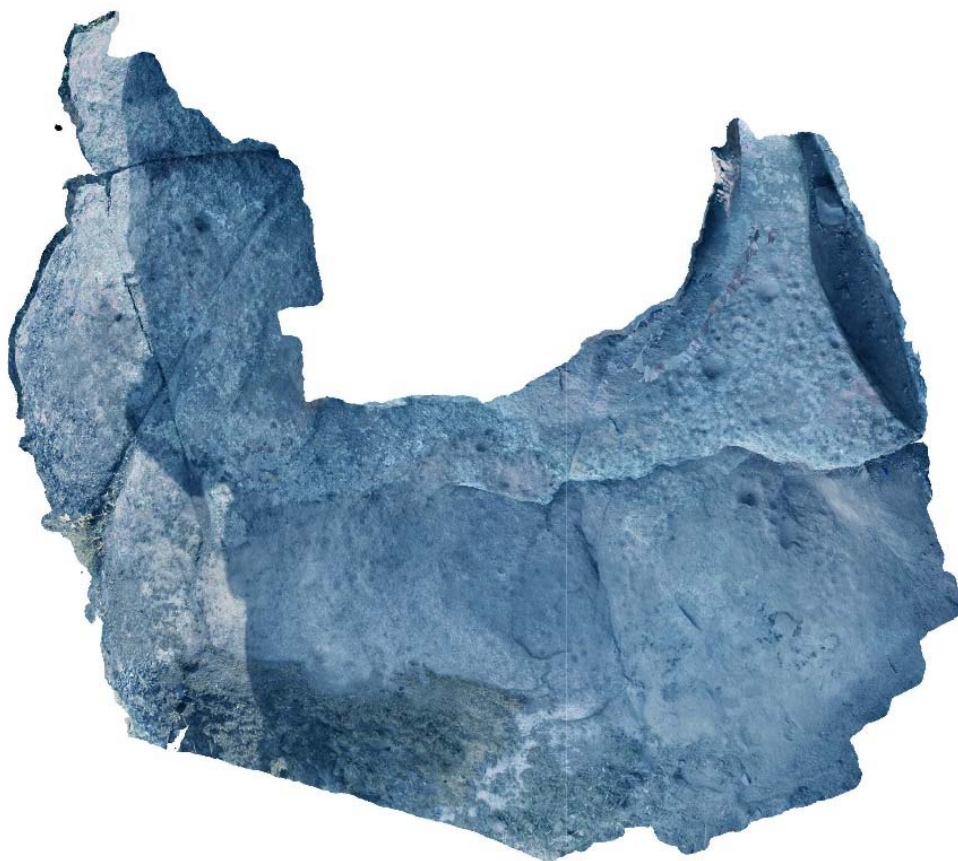


Figura 13 – Painel II – Fotogrametria da arte gravada processada com Agisoft PhotoScan Professional. Fonte: Autoras.

### Bibliografia

- Alvim, P. (2009). *Recintos megalíticos do ocidente do Alentejo Central. Arquitectura e paisagem na transição mesolítico/neolítico*. (Tese Évora: Universidade de Évora (Tese de mestrado, policopiada, <http://hdl.handle.net/10174/21055>).
- Alves, L. B. (2003). *The movement of signs. Post-glacial rock art in north-western Iberia*. (Tese de doutoramento, Departamento de Arqueologia, Universidade de Reading).
- Baptista, A. M. (2009). *O Paradigma Perdido. O Vale do Côa e a arte paleolítica de ar livre em Portugal/ Paradigm Lost. Côa Valley and the open-air Paleolithic art in Portugal*. Porto / Vila Nova de Foz Côa: Edições Afrontamento e Parque Arqueológico do Vale do Côa.
- Baptista, A. M, Martins, M, & Serrão, E. C. (1978). *Arte rupestre do vale do Tejo. Exposição*. Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal.
- Baptista, A.M, & Martins, M. M. (1979). *Gravuras rupestres do Vale do Guadiana: Notícia da sua descoberta*, I., 17-18, Informação Arqueológica (1977-1978). Braga.
- Baptista, A.M, & Santos, A. T. (2013). *A Arte Rupestre do Guadiana Português na área de influência do Alqueva*, 1. Memórias d’Odiana. EDIA.
- Breuil, H. (1917, 13-14, Fev.- Março). *La roche peinte de Valdejunco à la Esperança, prés de Arronches (Portalegre)*, (17-26). Terra Portuguesa. Lisboa.
- Bueno-Ramírez, P, Balbin Behrmann, R, Rocha, L, & Oliveira, J. (2015). *Anthropomorphic image as origins of ancestor’s “Caves”. The stele - menhir of Anta do Telhal, Arraiolos, Évora, Portugal*. Death as Archaeology of Transition: Thoughts and Materials Papers. Rocha, L., Bueno-Ramírez, P., Branco, G. (Eds.). 83-94. BAR International Series 2708.

- Cerrillo Cuenca, E, Bueno Ramírez, P, & Balbín Behrmann, R. (2019). *3DMeshTracings”: A protocol for the digital recording of prehistoric art. Its application at Almendres cromlech (Évora, Portugal)*, 171-183, vol. 25, June. Journal of Archaeological Science: Reports.
- Calado, M. (1997). *Cromlechs Alentejanos e Arte Megalítica* (pp. 287-297). Actas do III Colóquio Internacional de Arte Megalítica. La Coruña: Museo Arqueológico e Histórico.
- Calado, M. (2004). *Menires do Alentejo Central. Génese e evolução da paisagem megalítica regional*. (Tese de Doutoramento, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa).
- Calado, M, & Bairinhas, A. (1994). *O Santuário Pré-Histórico da Horta da Ribeira (Redondo)* (pp.175-178), 2. Actas das V Jornadas Arqueológicas. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses.
- Calado, M, & Rocha, R. (2010). *Megaliths as Rock Art, in Alentejo (South of Portugal)* (pp. 25-31), 7. BAR S2122 2010: Proceedings of the XV World Congress UISPP. edited by David Calado, Maxiliam Baldia and Matthew Boulanger.
- Contador de Argote, J, Vieira Lusitano, F, & Rochefort, P. de. (1734). *Memorias para a historia ecclesiastica do Arcebispado de Braga, primaz das Hispanhas*, II. Lisboa Occidental: Na officina de Joseph Antonio da Sylva.
- Correia, V. (1916a). *Arte Préhistorica. Pinturas rupestres descobertas em Portugal no século XVIII*, 4, ano I, Maio, 116-119. Terra Portuguesa. Lisboa.
- Correia, V. (1916b). *Pinturas Rupestres da Sra. da Esperança (Arronches)*, 5, ano I, Junho, 158. Terra Portuguesa. Lisboa.
- Correia, V. (1921). *El Neolítico de Pavia*. Madrid: Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas.

- Costa, A. C. (1706). *Corografia portugueza e descripçam topografica do famoso reyno de Portugal (...)*. I. Lisboa: Officina de Valentim da Costa Deslandes.
- Ferraz, A. L. (2016). *Iconographie des sociétés néolithiques: entre Atlantique et Méditerranée, les stèles décorées de l'Alentejo Central*. (Tese de Doutoramento, École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris).
- Gomes, M. (V. 1989). Arte rupestre e contexto arqueológico (pp. 225-269). Almansor, 7. Montemor-o-Novo: CMMN.
- Henriques, F. J. R., & Caninas, J. C. P. (1980) - *Contribuição para a carta arqueológica dos concelhos de Vila Velha de Ródão e Nisa (I)*. Preservação, 3. Vila Velha de Ródão.
- Martins, A. (2014). *A Pintura Rupestre do Centro de Portugal. Antropização simbólica da paisagem pelas primeiras sociedades agro-pastoris*. (Tese de Doutoramento, Universidade do Algarve, Faro).
- Oliveira, C. (2010). *Percursos da Investigação Arqueológica no Norte Alentejano: o caso do complexo de Arte Rupestre da freguesia da Esperança*. (Tese de Mestrado, Departamento de História, Universidade de Évora).
- Oliveira, J., & Borges, S. (1998). *Arte Rupestre no Parque Natural da Serra de S. Mamede* (pp. 193-202). Ibn Maruán, 8. Marvão: C. M. Marvão.
- Oliveira, J., & Oliveira, C. (2012). *A arte rupestre da Serra de S. Mamede (Portugal – Espanha)* (pp. 18-36). III Simposium Internacional de Arte Rupestre de Havana. Havana: Instituto Cubano de Antropología.
- Rocha, L. (2004). *Entre vivos e mortos... arte rupestre e megalitismo funerário na região de Évora*. Sinais de Pedra. I Colóquio Internacional sobre Megalitismo e Arte Rupestre na Europa Atlântica. Évora: Fundação Eugénio d'Almeida.

- Rocha, L. (2010). *Arte rupestre e sociedades camponesas. Uma associação sistemática no Alentejo Central (Portugal)*. Global Rock Art. Anais do Congresso Internacional de Arte Rupestre. FUMDHAMENTOS. IX. Piauí: Fundação Museu do Homem Americano. Artigo 103.
- Rocha, L. (2013). *A Arte rupestre de Arraiolos* (pp. 304-308). Património(s) de Arraiolos. Arraiolos: Câmara Municipal de Arraiolos.
- Rocha, L. (2016). *Nouvelles [et anciennes] données sur l'art mégalithique en Alentejo* (pp. 237-247). ARPI. Arqueología y Prehistoria del Interior Penínsular, 4. UAH: Alcalá de Henares.
- Rocha, L, & Morgado, P. (2019). *Relatório Final de projeto: Levantamento Arqueológico e Arquitetónico do Concelho de Monforte II - LEVAM II (2015/2018)*. Acessível nos Arquivos da DGPC, Lisboa, Portugal.

